



VIVER DE RENDA CRIPTO

A HISTÓRIA DO DINHEIRO

RESUMO
AULA 01

A história do dinheiro

Introdução

A ideia inicial com esse documento é ajudar na compreensão de como saímos do escambo até o momento atual.

Antes de começarmos essa escalada de conhecimento, é necessário entendermos que, assim como Roma não foi construída em um dia, o seu conhecimento em criptomoedas também não será. Então, tenha paciência em construir seu conhecimento e esteja sempre aprendendo.

O que é o dinheiro

A primeira questão para entendermos como o dinheiro funciona na sociedade, seria através de uma pergunta um pouco filosófica: “Como os bebês aprendem? ”. Aqui, possivelmente, caberiam muitas respostas, porém, a mais plausível seria dizer que as crianças aprendem por repetição – por aquilo que elas veem os outros fazendo. Acreditar no dinheiro, que um determinado bem ou papel representa valor, segue a mesma linha de aprendizado por repetição. Acreditamos no dinheiro porque alguém nos ensinou isso.

O dinheiro não é algo natural. O dinheiro não é intrínseco à natureza humana, como nosso instinto de sobrevivência ou de reprodução, por exemplo. Como dizia Yuval Harari: “Dinheiro é a única ficção na qual todos acreditam. Tem gente que não crê em Deus, Estado, nação, mas todos acreditam no dinheiro”. Então, quanto mais confiança as pessoas têm no dinheiro mais valor ele tem.

Seria essencial entender como o dinheiro funciona, como ele é criado. Com esse conhecimento, você pode se antecipar aos ciclos de mercado, estar melhor posicionado para boas oportunidades, e, sobretudo, se prevenir da ruína – sabendo que mais de 70% da população brasileira está endividada, provavelmente você conhece pessoas que não aprenderam sobre dinheiro e vê, com os próprios olhos, o quanto isso pode ser prejudicial.

Do escambo às moedas fiduciárias

Bem, o início das trocas comerciais se deu com o escambo. Mas o escambo apresenta alguns problemas no que se refere ao desenvolvimento das atividades econômicas. Ele exige uma dupla coincidência de desejos, porque quem pescava e quisesse, por exemplo, um machado, teria que achar uma outra pessoa que fabricasse machados e quisesse, exatamente, peixes. Outro problema diz respeito à indivisibilidade dos objetos nas trocas diretas. Imagine a dificuldade que um fabricante de canoas teria se quisesse tomar um cafezinho.

Como resolver esse problema da “não coincidência dos desejos”? A partir de então, para resolver isso, alguns bens de aceitação são eleitos como intermediários de trocas, exercendo, portanto, função de moeda. Adotar algo que fosse de alta liquidez, mais fácil de ser trocado, é a alternativa para favorecer trocas e o comércio.

Durante a história, e em diferentes ambientes, podemos visualizar diversos itens servindo para esse fim: sal, conchas, cigarros (na prisão), entre outros.

Porém, existem pré-requisitos para usar determinado material como moeda. Um problema para usar o sal e cigarros, por exemplo, seria a dificuldade em resistir a ação do tempo. Por isso, certos materiais sobressaíram, e quem venceu essa corrida foram os metais.

As moedas metálicas tinham características que fizeram elas serem usadas como moeda de troca: homogeneidade, divisibilidade, são transferíveis, fáceis de transportar (em certa medida) e resistentes à deterioração.

Pensando nos elementos químicos da tabela periódica, para selecionar os melhores metais para servir como moeda, chegamos em dois pré-requisitos principais: não é possível escolher elementos que em temperatura ambiente sejam gases ou líquidos, por razões óbvias; além disso, elementos químicos que sejam nocivos para o ser humano, como uranio e mercúrio, por exemplo, também não devem ser considerados. Dessa forma, restam, apenas, 8 metais (rutênio, ródio, paládio, prata, ósmio, irídio, platina, ouro). Entre esses metais, somente ouro é dourado. Com isso, o ouro teve mais percepção de valor.

No entanto, as moedas de metal também têm seus problemas: grandes volumes são pesados para transportar; podem ser adulterados e também se deterioram no longo prazo; há o problema do “troco miúdo”, onde trocas de muito baixo valor não poderiam ser pagos com prata ou ouro, por exemplo.

Com isso, a próxima fase foi do dinheiro representativo, que veio a ser uma solução para os problemas de usar as moedas de metal. A ideia seria o dinheiro simbolizar algum valor, já que ele representava um metal precioso guardado em uma casa de custódia, com lastro em ouro, na maioria das vezes. Isso também traria problemas. Como Hayek dizia: “Os chineses haviam sido levados por sua experiência com papel moeda a proibi-lo (sem sucesso, é claro) antes mesmo que os europeus o tivessem inventado.”

A ideia de lastro embute a ideia de troca e uma certa escassez. Nesse caso, não é possível criar moeda a esmo, porque o ouro é escasso, não dá para encontrar ouro na mesma velocidade que se desejaria emitir moeda – a estimativa é que todo ouro minerado no

mundo seja menos de 3 piscinas olímpicas, ou seja, há escassez para o ouro.

O problema é que alguns episódios históricos, como as guerras, colocam a impressão de moeda e inflação como um detalhe frente a interesses de poder. Como dizia Heráclito: a guerra é a mãe e rainha de todas as coisas; alguns transformam-se em deuses, outros, em homens; de alguns faz escravos, de outros, homens livres.

Nas guerras a emissão de moeda acontece de forma muito mais grave. A guerra é a rainha da impressão monetária. Nesse vale tudo não há mais lastro em escassez. Durante toda história, sempre se perdeu o lastro em ouro quando acontecia uma guerra. Um dos fatores que pode ter provocado o fim do lastro em ouro a nível mundial, em 1971, foi a guerra do Vietnã, na década de 60, por exemplo.

Via de regra, os governos tentam resolver seus problemas financeiros de três formas: aumentando impostos, emitindo mais títulos públicos (dívida) ou criando mais moeda. Acontece que aumentar impostos é impopular, emitir título públicos faz com que a dívida aumente. Portanto, criar moeda seria a alternativa menos percebida como algo ruim pela população – na verdade, a maioria até comemora. Como Hayek dizia: por causa de uma falta de compreensão geral, o crime de uma emissão excessiva (de moeda) por parte de um monopolista continua não somente a ser tolerado, mas até aplaudido.

Com isso, já podemos entender um dos pontos principais dessa aula: no final das contas, o dinheiro é uma rede de confiança.

Quão problemático é a criação de dinheiro atualmente?

Hoje, o problema de “criação de dinheiro” é ainda pior, já que esse poder não cabe somente ao governo, mas aos próprios bancos, com o aval do governo. Você pode estar se perguntando: “por que o governo permite isso? ”. A verdade é que o governo se beneficia quando se cria moeda.

Um fator importante a se considerar com a impressão de moeda é o Efeito Cantillon. Esse efeito diz sobre a heterogeneidade na distribuição do dinheiro, desde que é criado por um Banco Central (ou comercial), até chegar nas mãos “do povo”.

Sabe os trilhões de dólares que foram impressos para conter a crise do Coronavírus? Eles passam por um monte de instituições até que uma fração chegue ao seu bolso. Boa parte desse dinheiro capturado pelo caminho é despejado nos mercados de capitais. Afinal, se governos estão imprimindo dinheiro à vontade, por que empresas e/ou gente rica vai guardar patrimônio em papel-moeda?

Assim, a inflação monetária não necessariamente se traduz em aumento no IPCA/CPI. Mas se traduz em “inflação” dos ativos financeiros.

Quem está mais próximo da “impressora de dinheiro” se dá melhor nesse processo. Capitaliza-se a tempo de antecipar “a onda”. Quem detém ativos financeiros morde um pouquinho do upside – P/Es inéditos, bolsas em máximas históricas, recorde de CPFs investindo, etc. A maioria das pessoas, que não tem patrimônio poupado, muito menos ações, vê seu poder de compra relativo encolher, apesar das promessas de “dinheiro caindo do céu”.

A (desigualdade de) educação é a razão última pela qual “o de cima sobe e o de baixo desce”. Ou seja, o aumento da oferta de moeda cria inflação de forma desigual e tende a beneficiar aqueles que se encontram mais perto da injeção monetária.

Então, por que guardar um dinheiro que sabemos que a cada dia vale menos? O brasileiro médio preserva valor comprando imóveis, alguns compram dólares. O ponto é que se o dinheiro deixa de ser reserva de valor, ele deixa de ser unidade de conta e depois deixa de servir como meio de troca.

Não sabemos onde isso vai parar, visto que foram impressos mais dólares em 2020, na pandemia, do que nos últimos 200 anos. Após se criar essa quantidade absurda de dinheiro, não adianta reclamar da inflação e falar que a culpa é do empresário. Os governos é que proporcionam tudo isso.

Como foi dito, atualmente, o dinheiro está sendo criado de diversas formas na economia. O sistema de reserva fracionária é a permissão para que os bancos façam empréstimos e operações financeiras em um valor superior aos depósitos que estão em seu caixa. Ou seja, com a reserva fracionária, estas instituições podem emprestar ou investir um dinheiro que, de fato, elas não possuem naquele momento.

Para entender melhor como esse sistema de criação monetária artificial funciona, suponha a seguinte situação:

Um correntista deposita 100 mil em sua conta bancária. Se a taxa de reserva fracionária, definida pelo Banco Central, estiver em 10%, o banco irá guardar apenas 10 mil em seus cofres e ficar com 90 mil de excedente de reserva para utilizar como quiser.

Nesse caso, provavelmente o banco irá repassar esses 90 mil para outro correntista que solicitar um empréstimo. Com isso, 90 mil são depositados na conta do tomador do empréstimo, que pode mover o dinheiro para outro banco.

Com esses 90 mil, o sistema repete o mesmo processo: guarda 10% de reserva fracionária e fica com o restante para emprestar para outras pessoas. Logo, com os 80 mil disponíveis, é feito um novo empréstimo para uma nova pessoa.

Ou seja, os 100 mil iniciais agora se transformaram em 270 mil – 100 mil para o depositante, 90 mil para primeiro tomador do empréstimo e 80 para o segundo. Se todos quiserem sacar o dinheiro de suas contas ao mesmo tempo, os bancos envolvidos não terão saldo para pagá-los.

Porém, esse processo vai continuando sucessivamente sem parar, até se esgotarem as possibilidades de multiplicação desse dinheiro. Dessa forma, pode-se dizer que reserva fracionária – que, de certo modo, é a base de sustentação de todo sistema financeiro – é uma ferramenta que cria um montante monetário artificial e sem lastro, e o distribui por toda a economia.

Agora, o que temos é muito dinheiro competindo por bens e recursos escassos e o preço de tudo isso com tendência de alta. Isso seria inflação: o fenômeno onde os preços dos bens sobem no mercado, de forma generalizada.

Por que os preços aumentam e como a inflação afetou Brasil na história

Por que a inflação acontece? Pela definição da escola austriaca, o aumento dos preços é apenas uma consequência do aumento da oferta monetária. Hayek dizia que todas as grandes inflações, até hoje, foram apenas uma consequência de os governos satisfazerem suas necessidades financeiras através da criação de papel moeda. Já para Milton Friedman a inflação é sempre, e em todas as épocas, um fenômeno monetário, mas a hiperinflação é um fenômeno político.

No Brasil, pode-se considerar os 27 anos do Plano Real um sucesso. Perdemos mais de 90% do valor da nossa moeda, com inflação exorbitante em alguns períodos da história, mas, se considera o Real um sucesso porque as outras 9 moedas foram um fracasso absoluto.

Em praticamente 200 anos trocamos 10 vezes de moeda. Na média, trocamos de moeda a cada 20 anos. Em 1964 criou-se o Banco Central, mas ele não conseguiu impedir o processo de destruição monetária. Cortamos 21 zeros em 200 anos de autonomia monetária. O Plano Real “deu certo” por alguns fatores como: imposição de diversas medidas de controle fiscal; priorizou, em certa medida, o pagamento de dívidas; enxugamento da máquina pública; diminuição dos gastos; aumento de arrecadação; ancora no dólar. Nesse sentido, as outras moedas falharam miseravelmente.

Como resolver a problemática da perda de valor monetário?

O problema é que os administradores do dinheiro numa democracia sempre escolherão a inflação. Apenas um padrão ouro os priva dessa opção. Ou seja, algo escasso, que impede o governo de apertar um botão e criar dinheiro.

Porém, somente o padrão ouro também não é suficiente, porque é centralizado em uma única pessoa e essa centralização, ao longo da história, demonstrou-se muito ineficaz e/ou maléfico. Se o poder corrompe, o poder absoluto é pior ainda. Se antes confiávamos no rei, hoje confiamos no estado, e historicamente nenhum deles é confiável.

A questão é simples: se o governo tiver a possibilidade de poupar certos grupos de mudanças (que os forçariam a ser mais produtivos) isso será feito. Para exemplificar, penso que se a lâmpada elétrica tivesse sido inventada no Brasil, os produtores de vela fariam um grande lobby no governo e retardaríamos muito essa invenção – ou nem a teríamos.

Em suma os problemas que temos hoje são: não temos lastro real em escassez; temos uma inflação estrutural; centralização absoluta, muito poder na mão de poucos.

Há uma recompensa econômica para quem resolver isso. Quem será que resolve esses três problemas? Uma moeda descentralizada, escassa, digital, portátil, inconfiscável, e com adoção imparável? O que teria essas características? Seria o Bitcoin? Será que o Bitcoin não será visto mais como reserva de valor? O futuro (breve) nos dirá. Estamos no caminho.